

ANTROPOLOGIA BRASILIANA: CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NA OBRA DE EDGARD ROQUETTE-PINTO. Lima NT, Sá DM, organizadores. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008. 327 pp.

ISBN: 978-85-7041-724-4 (Editora UFMG)/
978-85-7541-163-6 (Editora Fiocruz)

Redescobrimo E. Roquette-Pinto em Antropologia Brasileira

Este livro resgata os diferentes trabalhos exercidos por Edgard Roquette-Pinto durante sua carreira profissional, permitindo ao leitor conhecer sua trajetória intelectual e algumas de suas mais importantes obras contextualizadas à luz de temas importantes discutidos no início da República Brasileira.

As organizadoras apontam para o dinamismo desse cientista em vários campos de conhecimento, mas remarcam também que seu “*pioneirismo na criação de instituições e proposições de temas para a agenda de reformas sociais do país*” (p. 13) demonstram a importância de sua contribuição como indivíduo e como membro de uma geração nesse amplo processo de transformação.

Com esse propósito, o livro apresenta quatro partes que congregam diferentes especialistas, além de incluir a publicação de um texto inédito de E. Roquette-Pinto que integra o seu arquivo pessoal pertencente à Academia Brasileira de Letras e uma sessão iconográfica colocada no início do livro, que convida o leitor a conhecer um pouco mais o personagem.

O manuscrito de E. Roquette-Pinto intitulado *Ciência e Cientistas do Brasil* recebeu uma nota esclarecedora de Dominichi Miranda de Sá que procura elucidar a concepção de ciência do autor.

A obra como um todo apresenta três assuntos abrangentes: positivismo, ciência antropológica e atuação científica de E. Roquette-Pinto em instituições científicas como o Museu Nacional do Rio Janeiro e em outras organizações de que participou, como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Cinema Educativo.

O texto *Roquette-Pinto, Expressão de Humanismo* de Alberto Venâncio Filho apresenta a trajetória do autor sob o viés do humanismo, que se de um lado apoiava-se na cultura européia, especialmente a francesa, por outro estava com os pés fincados no Brasil. Nesse sentido, procura mostrar o predomínio das idéias positivistas na formação desse intelectual, sem se tornar um ortodoxo. Assinala Venâncio Filho que Roquette-Pinto, na dedicatória de sua tese de doutorado, faz referência a Augusto Comte, além de pertencer em 1945 à Sociedade dos Amigos de Augusto Comte.

Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá, em *Roquette-Pinto e sua Geração na República das Letras e da Ciência*, procuram situar o autor em seu tempo, mostrando que o clima intelectual durante a Primeira Guerra e a situação sócio-econômica do Bra-

sil Republicano – um Brasil do litoral e outro do sertão – levaram Roquette-Pinto a aderir ao positivismo como visão política de mundo e do Brasil.

O terceiro texto sobre o positivismo, de autoria de Luiz Otávio Ferreira, intitulado *O Ethos Positivista e a Institucionalização das Ciências no Brasil*, defende a idéia de um *ethos* positivista compartilhado por uma parcela importante de intelectuais e cientistas brasileiros do início do século XX, que atribuiria uma função social à ciência e, conseqüentemente, um papel social ao cientista. Dentre as manifestações do *ethos* comtiano, o autor assinala a postura anti-racista do pensamento antropológico positivista, presente nos estudos de E. Roquette-Pinto.

O outro assunto abordado no livro é o que diz respeito à antropologia. Nele podemos evidenciar as suas influências teóricas e os temas debatidos naquele período, como mestiçagem, raça e eugenia.

Com *Os Debates sobre Mestiçagem no Brasil no Início do Século XX: Os Sertões e a Medicina-antropologia do Museu Nacional*, Ricardo Ventura dos Santos aponta a influência de Euclides da Cunha sobre a antropologia no Brasil e, em especial, aquela desenvolvida no Museu Nacional do Rio de Janeiro de 1910-1920. Refutando as idéias dos “*males da mestiçagem*” e do “*esmagamento das raças fracas pelas fortes*” (p. 133), defendidas por Euclides da Cunha, Ventura demonstra como E. Roquette-Pinto, por meio de um programa de estudos das populações brasileiras ou os “*tipos brasileiros*”, se afasta deste posicionamento teórico e emprega novas explicações sobre a situação do atraso do sertanejo sob o ponto de vista social, cultural e político.

Giralda Seyferth em *Roquette-Pinto e o Debate sobre Raça e Imigração no Brasil*, demonstra como a questão da mestiçagem e as bases de classificação racial estiveram presentes na política imigratória aplicada e discutida na virada do século XIX para o XX. Assinala que mesmo sem ter escrito sobre a imigração, E. Roquette-Pinto esteve presente no debate de forma indireta, pelos seus estudos sobre os tipos brasileiros e, de forma direta, na questão da entrada dos japoneses, por ser um especialista em raça. Atendo-se aos domínios da ciência de sua época, a autora afirma que E. Roquette-Pinto foi contrário “*aos postulados da disgenia e degenerescência, ironizando a noção de ‘raça pura’ e de um tipo brasileiro unívoco*” (p. 157), e que seus escritos tinham uma retórica anti-racista.

Em *Como Classificar os Indesejáveis: Tensões e Convergências entre Raça, Etnia e Nacionalidade na Política de Imigração das Décadas de 1920 e 1930*, Jair de Souza Ramos aprofunda a questão da imigração analisando os debates a respeito dos diferentes tipos de classificação e, em especial, a questão da restrição à entrada de imigrantes. Para discutir tal questão, Getúlio Vargas criou uma comissão formada por E. Roquette-Pinto, Renato Kehl e Oliveira Vianna, entre outros, cujos projetos são debatidos pelo autor.

O último texto deste bloco é de autoria de Vanderlei Sebastião de Souza, intitulado *As “Leis da Eugenia” na*

Antropologia de Edgard Roquette-Pinto. Nesse trabalho, o autor aponta como as idéias eugênicas foram apropriadas por E. Roquette-Pinto, assinalando sua adesão aos pressupostos da eugenia mendeliana. Remarca ainda que, contrário aos outros adeptos da teoria mendeliana, como o norte-americano Charles Davenport, E. Roquette-Pinto pensava a mestiçagem brasileira de forma positiva.

O terceiro tema do livro é sobre a atuação de E. Roquette-Pinto nas instituições em que trabalhou.

Enquanto funcionário do Museu Nacional do Rio de Janeiro desde 1905, E. Roquette-Pinto tornou-se diretor de 1926 até 1934. Pôde assim promover uma série de contatos com outras instituições, realizou expedições e viagens ao exterior, e soube utilizar diferentes estratégias e meios de comunicação para implementar suas idéias, como o uso do rádio e do cinema, a criação de periódicos, além de produzir programas voltados para a educação e divulgação científica.

Em 1912, participou da expedição à Serra do Norte com a Comissão Rondon relatando sua experiência de viagem no livro *Rondônia – Antropologia e Etnografia*, publicado em 1917. A análise desse livro, no capítulo *Rondônia de Edgard Roquette-Pinto Antropologia e Projeto Nacional* foi realizada por Nízia Trindade Lima, Ricardo Ventura dos Santos e Carlos E. A. Coimbra Jr. Além de contextualizar a importância das viagens científicas no período inicial da República, os autores apontam a importância do texto para o campo antropológico por tratar a antropologia tal como compreendida em seu tempo. Colocam em destaque a valorização do sertanejo e o tom de crítica social às suas condições de trabalho e de vida. Assinalam a importância dos objetos recolhidos na expedição e que fazem parte do acervo do Museu Nacional.

Em *Roquette-Pinto e a Divulgação Científica*, Ildeu de Castro Moreira, Luisa Massarani e Jayme Aranha analisam o impacto das atividades de E. Roquette-

Pinto na difusão da ciência na primeira metade do século XX, não só no Museu Nacional, como na Rádio Sociedade Brasileira, criada por ele em 1923, e no cinema.

Sheila Schvarzman em *Edgard Roquette-Pinto e o Cinema* aprofunda sua atuação na área cinematográfica. A autora trata de seu trabalho no Instituto de Cinema Educativo, instituição criada em 1936, discutindo a sua importância no desenvolvimento do cinema brasileiro e sua relação com o cineasta Humberto Mauro.

E. Roquette-Pinto procurava registrar suas viagens por meio de diários, mapas e fotos e depois divulgava suas idéias em diferentes formatos: livros e artigos, em rádio-conferências, em documentários etc. Seguindo a narrativa desse cientista em lugares e tempos diferentes, Regina Horta Duarte em *Rumo ao Brasil: Roquette-Pinto Viajante* mostra como esse cientista tinha o propósito de descobrir e desvelar o Brasil aos brasileiros, em livros como *Rondônia* e periódicos como a *Revista Nacional de Educação*, em programas de rádio e filmes. Dessa maneira ele se apresentava como um guia e no movimento das viagens levava os espectadores, ouvintes e leitores a diferentes lugares, procurando assim apertar os laços da nacionalidade de lugares desconexos, fazendo suas críticas às condições de saúde e educação, e realizando prospecções otimistas do Brasil e dos brasileiros.

Concluindo, o livro *Antropologia Brasileira: Ciência e Educação na Obra de Edgard Roquette-Pinto* é uma boa contribuição historiográfica, pois recupera a história de um cientista que esteve à frente de um amplo movimento científico e cultural do país, que com seu prestígio científico e social e as redes científicas e culturais construídas, procurou legitimar suas causas em prol do Brasil e dos brasileiros.

Adriana T. A. Martins Keuller
adriana.keuller@gmail.com